

7-2013

Carta 24: Kalandula

Arnaldo da Rocha Ferreira

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana>

Recommended Citation

da Rocha Ferreira, A. (2013). Carta 24: Kalandula. *Missão Espiritana*, 23-24 (23-24). Retrieved from <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana/vol23/iss23/32>

This Article is brought to you for free and open access by Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Missão Espiritana by an authorized editor of Duquesne Scholarship Collection.

confrade muito grato e sempre ao dispor. Receba cumprimentos enviados pelas minhas Irmãs.

Muito grato

P. Arnaldo da Rocha Ferreira

CARTA 24: KALANDULA MISSÃO CATÓLICA DE KALANDULA, 10 DE AGOSTO DE 1992

Amigo Senhor P. Quirino

Os meus cumprimentos amigos e cordiais saudações. Cheguei dum pequeno descanso de 45 dias em Portugal e de visita a minha Mãe que se acha um pouco adoentada. Suponho que recebeu a minha carta enviada da minha terra por ocasião das suas Bodas de Ouro Sacerdotais. Agora queria expor a V^a. Rev^a alguns pontos:

1 – Ponte: Finalmente colocaram uma ponte metálica para se poder passar de carro e o povo sem perigo. Tivemos de esperar 30 meses.

2 – Carrinha: Finalmente também comprei uma carrinha nova em Portugal. Custou cerca de 3 mil contos. Ainda não a paguei mas suponho que o dinheiro está garantido, mas pagarei em Kwanzas. Cerca de 15 milhões de Kwanzas. Espero poder pagá-la com a venda da Mercedes que está já muito gasta e não compensa meter peças novas. Fiz vários pedidos, mas ainda não recebi resposta. De qualquer maneira a compra está feita.

3 – Dispensário e Medicamentos. Com o regresso da Irmã Maria de Jesus a esta Missão o movimento triplicou. Por outro lado o Hospital da Vila está a cargo da Unita e estes também têm poucos medicamentos. Por isso eu fazia um apelo a V^a. Rev^a no sentido de nos conseguir alguns por intermédio da Memisa. Já há muito tempo que não recebemos nada desta Instituição que sempre nos ajudava. O que nos valeu foi uma dádiva da Caritas Italiana, porque de contrário teríamos de fechar o Dispensário, o que seria muito mau por causa da grande afluência de doentes.

Temos comprado alguns em Lisboa, mas ficam sempre muito caros e não temos disponibilidade financeira para os pagar.

4 – Maternidade. Agora que temos ponte vamos arrancar com esta obra que será de grande importância para esta área. Comprei agora em Portugal alguma aparelhagem própria. São instrumentos sempre muito caros mas indispensáveis. Quando fiz o pedido à Misereor para uma ajuda a esta obra, eles perguntaram se não pensava nos instrumentos. Disse-lhes que seria numa segunda fase. Será que ainda estarão na disposição de ajudarem a pagar estes instrumentos? Por exemplo uma marquezia para partos custa 800 contos; uma incubadora, 750 contos; e assim por diante. Se V^a. Rev^a. puder saber agradecia informar-me para eu arranjar as respectivas facturas proforma como sempre pedem para darem a respectiva ajuda.

5 – Escolas. Estamos agora a reconstruir as escolas. O governo entregou tudo, mas em que estado!... Desde o telhado até às portas, janelas, vidros, fechaduras, etc, parece que foi um furacão que tudo levou. Já não falamos na porcaria, passe o termo, que está nas paredes de cima até abaixo. E muita coisa ter-se-á de pintar porque não tem nada de formativo.

6 – Situação. A situação oficial é de cessar-fogo e de “não guerra”. Só que a situação é outra tão grave como a da guerra. Banditismo a torto e a direito. Ataques à mão armada e quase sempre com mortes. Ninguém está seguro seja lá onde for. Aqui Kalandula não falha à regra. Ofensas mútuas, ameaças, tiros, corrida às autoridades do governo, etc. Não sei o que se irá passar aquando e depois das eleições. Há que saber perder e ninguém está preparado para perder. Todos cantam já a sua vitória...

Quanto ao resto estamos mesmo mal. Antes da extinção do Comércio interno ainda se conseguia alguma coisa, mais ou menos em conta. Agora não se consegue nada e o que se vai arranjanando é só no preço do comércio paralelo ou candonga. O povo vive pobre num país rico...

Vou terminar. Esta carta foi em parte para dar sinal de vida e ao mesmo tempo colocá-lo ao par das nossas preocupações e situação...

Terminando fico grato por tudo.

Sempre ao seu dispor.

P. Arnaldo da Rocha Ferreira

CARTA 25: UÍGE UÍGE, 20 DE MAIO DE 1993

Caro amigo P. Casimiro

Os meus cumprimentos amigos a ti, Ir. Silva e a toda essa comunidade e a todos os confrades da Província sem esquecer os nossos doentes. Não olhes para a data... nem donde te escrevo, nem se receberás esta carta. Estou aqui com duas Irmãs a ver se conseguimos boleia para Luanda. A situação é mais que caótica: é zero... Quem dera que fosse o tempo anterior às eleições. O povo foi traído... Tendes certamente visto como isto está, por aqui, pela televisão. Eu perdi 10 kilos, mas outros perderam a própria vida. Isto não dá para contar e nós, desta vez, fomos até certo ponto, poupados, embora cidades, só visto. Ouvi um médico, caritas, que no Ambrizete os Padres Verbitas faziam um apelo dizendo: não temos combustível, gás, lenha, carvão, arroz, óleo, azeite, sabão, etc, etc. Acudam-nos... É triste e os homens só querem acabar com tudo, em especial com o povo. Para vir aqui ao Uíge (235 km) tive de fazer contas à vantagem desta deslocação, por causa do combustível. Andar estes quilómetros todos e regressar com as mãos a abanar!... Gás já há vários meses que não temos. Tudo a carvão e cada saco 20.000.00 Kz. Carne de vaca ou boi não